

DELÍRIO COMO PROCESSO DE IMERSÃO

Vandiléia Foro da Silva¹ (PPGARTES/UFPA)

RESUMO

Este resumo é uma reflexão sobre a obra poética *Visagenta* (vídeo), uma das dobras da pesquisa poético-acadêmica intitulada “Panôcorpo e o caminho poético da atriz”, realizada junto ao curso de mestrado do PPGARTES/UFPA. A reflexão está focada em 2020, ano que a pandemia da Covid-19 explodiu no mundo e o trabalho se adequou ao isolamento social. Diante dessas reflexões, cuidando das plantas, de casa, dos meus bichos, da minha companheira, estudando e entrando nesse estado de trancamento, suspensão da presença, fôlego preso, meu susto levou-me a criar o experimento artístico que transformei em um vídeo, e chamei de *Visagenta*. Trabalho que disparou sensações, energias e que reverberam, fazendo-me sair de um estado letárgico e mover dinâmicas de superar o medo em um árduo processo de imersão delirante. Esse também é o nome com o qual minha mãe me chama quando percebe que estou assustada, com medo. A mãe diz assim: “Ó, lá vem ela com as visagices dela para cá, tu é muito visagenta!”. Nessa investigação, a troca se faz, prioritariamente, na fricção com os conceitos de linhas de fuga e fluxo, partes do pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1992). Para além dos pensadores da diferença, entram na ciranda dessa reflexão poética os autores Antonin Artaud, Gaston Bachelard, Iara Souza, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

PALAVRAS CHAVE

Dispositivo. Fabulação. Fluxo. Imersão. Processo.

ABSTRACT

This summary is a reflection on the poetic work *Visagenta* (video), one of the folds of the poetic-academic research entitled “Panôbody and the poetic path of the actress”, carried out together with the master’s course at PPGARTES/UFPA. The reflection is focused on 2020, the year that the Covid-19 pandemic exploded in the world and the work was

¹ Mestranda em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA); aluna concluinte de 2019; Orientadora Ana Flávia Mendes. Vandiléia Foro: Atriz, Contadora de histórias, Performer, Arte educadora e Diretora teatral. Licenciada em História, especialista em História da Amazônia. Integrante da Cia Girândola de contadores de história. Participa da rede Recontah de contadores de histórias e é coproprietária da residência ateliê olaria mundial.

adapted to social isolation. Faced with these reflections, taking care of the plants, the house, my pets, my companion, studying and entering in this state of lockdown, suspension of presence, breath held, my fright led me to create the artistic experiment that I turned into a video, and called it Visagenta. Work that triggered sensations, energies and that reverberate, making me come out of a lethargic state and move dynamics of overcoming the fear in an arduous process of delusional immersion. That's also the name my mother calls me when she realizes I'm scared, afraid. The mother says: "Oh, here she comes with her visagices, you are very visagenta!". In this investigation, the exchange takes place, primarily, in the friction with the concepts of lines of flight and flow, parts of the rhizomatic thought of Deleuze and Guattari (1992). In addition to the thinkers of difference, the authors Antonin Artaud, Gaston Bachelard, Iara Souza, Jean Chevalier and Alain Gheerbrant enter the circle of this poetic reflection.

KEYWORDS

Device. Fabulation. Flow. Immersion. Process.

Acordo translúcida, tudo passa por mim como se fosse água de fundo do rio com peixes, cobras, raízes. Tudo movendo-se independente. Vejo, mas ao invés desses seres, o que me transpassa nessa água turva, de uma correnteza densa, são ambulâncias com seus olhos vermelhos piscando aceleradamente, bocas escancaradas, milhares tossindo no alto do céu, pessoas pálidas em passos lentos nas ruas caminham olhando para o poste como se ele fosse a salvação e o motivo para elas estarem fora de suas casas. Em suas casas, seus animais de máscaras escutam as notícias e riem como se estivessem escutando a piada do ano. Estamos em Pandemia! No entre tudo isso eu queria respirar, mas ar me faltava, eu queria sair, mas não podia. Então, em um sobressalto, acordei.

Sim, esse é um sonho que criei para que sintam a confusão, a descrença, a insegurança e o medo que senti em pleno início do isolamento social causado pela pandemia que atinge o mundo desde 2020 até não sei quando.

Meu corpo por alguns minutos e dias acalmou-se, mas meu pensamento ficou caminhando entre esse acontecimento e o mestrado. Quais as relações entre o momento pandêmico, o *panôcorpo* e o desabamento da parede de casa? São perguntas cujas respostas acredito ter ao longo da pesquisa e escrita do memorial que entregarei ao "fim" da pesquisa. Mas desde o início há uma ligação entre elas, como podemos ver.

Panôcorpo e pandemia são palavras que trazem o prefixo PAN, este que é de origem grega e significa um “todo por inteiro”, assim como está ligado à totalidade, universalidade. Pã, com P e ã, também significa um deus grego dos bosques, dos campos e dos pastores. Um deus que gostava de tocar flautas e não fazia mal a ninguém, mas que no imaginário das pessoas era símbolo de medo das trevas que caminhava durante a noite nos bosques. Desse medo surge a palavra pânico, um medo repentino. Palavra esta que está associada às doenças da contemporaneidade e que na pandemia fez disparar as consultas e a procura de especialistas para tratamento de traumas relacionados ao isolamento social e a outras sequelas que a Covid-19 vem causando.

Diante dessas perguntas, cuidando das plantas, de casa, dos meus bichos, da minha companheira, estudando e entrando nesse estado de trancamento, suspensão da presença, fôlego preso, meu susto levou-me a criar o experimento artístico que transformei em um vídeo, e chamei de VISAGENTA, que deu-se assim:

Pintei meu corpo de barro. Enraizei um vaso com uma pequena árvore chamada cunhantã em minha cabeça e caminhei pelo corredor de casa, equilibrando-o até a sala pintada de isolamento – espaço que faz parte desta narrativa e sobre o qual te conto mais adiante.

Vesti meu rosto de uma máscara feita por folhas de jornal misturadas com goma. Nessa nova venta pintei a boca muda, caída, de vermelho, e soltei um grito mudo de pânico, dancei a tensão, o isolamento diante da morte, do medo de perder pessoas que amo. Dancei o desabamento do mundo.

No vídeo editei esse corpo isolado caminhando pelo corredor até chegar no salão, lavei minhas mãos em uma bacia que estava em cima de um banco. Meu corpo banhou-se. Tirou as impurezas. Caminhei mais um pouco, senti e me pintei para desmascarar o grito. Rasguei o rosto e deixei a raiz respirar, levantei-me e dancei no fio do ar. Tudo em compasso de equilíbrio com o vaso na cabeça. No final, a coreografia da lavagem das mãos multiplicou-se em outras de mim e o vídeo deu-se por encerrado. Essa edição traz uma sequência de opacidade, transparência, criando um ambiente de assombro. Tudo em uma camada translúcida. Então, com vocês, um frame do vídeo Visagenta:













É preciso registrar o aparecimento dos meus gatos nesse trabalho. Tenho três, a Ceice que observa de longe os trabalhos e a Nuvem e o Jaílson que gostam de “se aparecer” na cena. Permiti a participação deles por entender que fazem parte do ambiente da casa. A sequência da filmagem foi corrida, no sentido de não haver parada. Foi gravada até o fim.

Lembra que falei que te contaria sobre o salão do isolamento? Pois chegou o momento. Preciso te falar dele porque nele concentram-se significativas ações da criação do vídeo *Visagenta*. Vou começar te falando primeiro o porquê do nome *Visagenta*.

Bem, deves saber que essa é uma palavra do regionalismo amazônico que está relacionada a um personagem mítico que se apresenta em forma de animal e protege a natureza contra os predadores. Não sei te dizer se minha mãe tem essa informação. O que posso informar é que minha mãe é marajoara e acredito que estas encantarias fizeram parte do cotidiano e imaginário dela, fazendo com que sua interpretação ou estado do sentir desse a ela a leitura de um ser assombroso que provoca medo. Então por isso ela fala assim comigo.

Ó, lá vem ela com as visagices dela para cá, tu é muito visagenta, Vandiléia! – essa falando é minha mãe, que quando eu chego com ela e conto alguma história ou acontecimento que me assusta, me causa medo ou me deixa nervosa, ela me olha e diz para eu ficar calma e parar com a minha visagice.

Visagenta é o nome que dou para esse trabalho que disparou sensações, energias e que reverberam fazendo-me sair de um estado letárgico e mover dinâmicas de superar o medo. Me fez também refletir sobre o percurso das ações, a dinâmica de construção corporal, visual e sonora.

No mês de março de 2020, depois do decreto do Governador cancelando várias atividades na cidade de Belém, estabelecendo o isolamento social para conter a proliferação da Covid-19, responsável por muitas mortes no mundo, me vi trancada em casa junto com minha companheira, meus animais gatos e cachorros e as plantas.

Em uma manhã acordei agoniada, caminhando pela casa e falando: - o que isso? Que loucura tudo isso! E agora, como vai ser? Como é que a gente vai fazer com o teatro? Nessa caminhada aflita, comecei a pegar pincel, meu pote de barro, ligar a câmera do computador e filmar tudo que fazia em uma das paredes do salão da Olaria Mundiar referente ao que estávamos, ou estamos, vivendo.

Já que estava isolada dentro de casa, tirei a roupa com vontade de me sentir livre de qualquer pressão. Coloquei um banco comprido no salão e em cima dele meu caderno de desenho, o pote de barro com pincel e uma bacia com água e sabão, a partir daquele momento, tudo que eu fizesse e o que eu pegasse, eu lavaria minhas mãos.

Comecei a encher a parede com desenhos de quadrados, pensando em cada pessoa no momento do isolamento. Fazia isso e lavava minhas mãos. Depois encharquei o pincel

no pote de barro e comecei a chuveirar na parede como se fossem espirros ou pequenos vírus invisíveis aos nossos olhos.

Diante desse devaneio me vieram as perguntas sobre por que isso estava acontecendo com o mundo. Nesse momento, deixei o pincel, lavei minhas mãos e, em seguida, as lambuzei de barro e pus-me a desenhar um corpo em pé, depois desenhei no mesmo tamanho uma árvore. Entre eles estavam os quadrados – pessoas isoladas. Percebi que o corpo desenhado estava de costas para a árvore e, sim, isso veio do pensamento de que nós humanos estamos cuidando muito mal do planeta e nesse tempo pandêmico, no Brasil, a Amazônia queima. Depois de feito, passei minhas mãos em minha boca e nariz desenhando uma máscara e fiquei na frente do computador até parar a filmagem.



Pesquisadora, durante o processo criativo, com a máscara de argila².

Bachelard (2019), em *A Terra e os Devaneios da Vontade – ensaio sobre a imaginação das forças*, nos traz um capítulo de *Moby Dick*, no qual Melville amassa com a mão o spermacete. Essa ação faz com que o personagem entregue-se à Imaginação. O relato é o seguinte:

² Arquivo pessoal da pesquisadora.

Eu banhava as mãos e o coração naquela indescritível matéria. Estava prestes a acreditar na velha superstição paracelsiana que pretende que o espermacete possui a rara virtude de temperar o ardor da cólera. Enquanto mergulhava naquele banho, sentia-me divinamente liberto de todo amargor, de toda impaciência e de toda espécie de malícia. (MELVILLE apud BACHELARD, 2019, p. 67).

Parto dessa referência por significativas relações com a criação do vídeo Visagenta. Primeiro, por perceber sensações semelhantes ao meter minha mão no barro, em mim e na feitura da edição do vídeo, pois fazer isso foi me libertar da agonia, do trancamento, da impaciência que o estado pandêmico me colocou. Visagenta é essa matéria que amassei e pela qual senti minha imaginação me levar e me tirar do estado de pânico. Bachelard (2019, p. 67) fala que “mergulhar a mão na matéria certa é mergulhar nela todo ser”. Fui absorvida pela substância Visagenta e quando hoje olho para essa obra percebo nela uma matéria que me olha e me amassa, nos tornando cúmplices e deixando esvair narrativas que ainda querem navegar em mim. Olho para ela e vejo massa que me toca por dentro, que invade meus sentidos e faz disparar pensamentos aqui dentro, contribuindo com as reflexões sobre como enfrento os meus delírios.

Percebo que, diante da construção do processo da Visagenta, o medo andou lado a lado com o estado de euforia, talvez seja esta a palavra que eu consiga descrever sobre uma das minhas energias que caminhou comigo nesta fabulação visagenta.

Lembro que as cenas foram surgindo a partir das conexões que ia fazendo entre objetos que me apareciam por onde eu passava dentro e fora de casa, mais a energia de querer criar algo para não me abandonar ao medo.

Eu a olho e sinto-a me soprar os verbos desejar, criar, acalmar, escutar, dançar e amar. Eu sou Visagenta e a Visagenta é eu. Juntas tivemos um encontro entre o medo e entre a euforia, que acredito terem se tornado uma massa só. Somos matéria e imagem nos tocando. Como Melville fala no capítulo sobre massa, refletido por Bachelard (2019): “Passei a manhã inteira apertando o espermacete, tanto que no fim eu mesmo me fundi nele” como Melville. Foi assim, fui me embecendo de ti e quando vimos estávamos tal qual “guiados assim pelo sono de Melville, poderemos levar o cogito da massa não somente ao nível da consciência de um universo, mas também a de uma metafísica do eu-tu” (BACHELARD, 2019, p. 68).

Desse encontro, energias foram acionadas para a construção da obra que não ficou só no campo da euforia, mas também do amor, ação do verbo amar que acabei de falar há

pouco para vocês. Esse que foi um dos contrapontos que me tirou a sensação de que algo invisível estava se aproximando e que iria fazer sumir tudo o que eu tinha sonhado na virada do ano de 2019 para 2020. Como assim? A palavra que eu mais comuniquei com as pessoas foi de positividade e agora uma força negativa queria se aproximar, me fazendo pensar em morte o tempo todo. Não!!!!!!! Com mais de três pontos de exclamação. Eu não vou morrer e quem eu amo também não, pelo menos agora não. Então a partir disso tomei chá de erva-doce, hortelã, amoreira. Me vesti de Iansã, de Joana D'Arc, de Dom Quixote, da minha mãe, da minha mulher, de Kazuo Ohno, YoYoi Kusama, do universo que quando captou meus pensamentos positivos devolveu com movimentos de vontade e me fez criar algo para ficar bem e cuidar dos meus amores. Contra esse campo negativo, só o que poderia me fazer resistir era estar junto da minha companheira e foi com ela que a Visagenta surgiu, nos mostrando as possíveis aberturas para guiar nossos passos nesse novo plano.

O pensamento encheu-se de preocupação, cuidado, medo, paranoia, choro. Por dias, estava em uma outra dimensão. Ainda, por vezes, tenho a impressão de que houve um piscar dos olhos, que quando percebi já estava nesse outro nível terrestre totalmente adoecido e se acabando. Talvez esteja nesse outro campo onde minha atenção deu um salto e preciso agora ser mais máquina, minha comunicação está acessando a velocidade de um clique e lá estou eu com 10, 13, 50... pessoas se comunicando visualmente, sem poder se tocar ou se cheirar. Foi nesse clique que também me conectei com a VISAGENTA. No fechar dos olhos ela me fez lembrar de como minha mãe me chama ao me ver diante do medo, e nesse instante ela me fez acionar tecnologia de vídeo, ferramentas, conhecimento, respiração, coragem, lembranças de trabalhos artísticos. Visagenta me falou para tatear meu interior e ao tocá-lo, na ação desejante da vontade, senhoras e senhores, o barro vestiu meu corpo e, pronta para a guerra e com respiração pulsando, comecei a conversar comigo.

- Faltam 3 minutos para você não deixar esse corpo paralisado. Corra para o lugar que te faz bem. Que lugar é esse? É o teatro. E o que tu vais fazer? Não sei, mas vou pegar esse pincel, meu caderno de desenho, tinta, barro - de novo? foda-se eu gosto dele. Não para, segue! Pega teu computador e filma isso tudo. Lava as mãos, preciso sempre lavar as mãos e essa coreografia que não sai da cabeça. Sabão. Esfrega assim, depois assim, e mais assim. Isso! Para que essa roupa? Tira ela, te liberta. Isolados estamos, cada um no seu quadrado. É isso! Quadrado, desenha quadrado. Atchim!

Porra, esses espirros podem matar. Respinga os espirros acima dos quadrados. Quem está fazendo isso com a gente? Nós! Então desenha um corpo aí. Vai! Tudo isso e o

fogo no país arde na

mata. Vou fazer uma árvore do tamanho desse corpo. Pego o barro nas mãos e na parede vai surgindo os troncos, galhos e folhas. Num suspiro passo o barro em meu rosto e visto a máscara da moda. Desligo a câmera e finda o surto que acalma.

Meu corpo tomado por esses espasmos acariciou-se e fez disso escuta, registro. Minha carne moeu-se e pediu para dançar a morte e a vida como na escrita de Ohno:

A partir de um determinado ponto, vida e morte se unem. Estava vivo há pouco, agora vai até a morte. Como sempre digo, contemplo uma flor e a acho linda. Então, desço uma escada, uma escada para o mundo da morte. O mundo da Flor é o mundo da morte. Contemplo a flor. Almas se simpatizam, os corpos se unem, esqueço até que estou vivo. Danço dentro da própria morte. Às vezes, no mundo da vida. Vida, morte, vida, morte. (OHNO, 2016, p. 190).

Me preparo para a dança, visto o resplendor vaso que traz plantado em si uma pequena árvore chamada cunhantã. Sinto-me terra, raiz e inicio os primeiros passos. Meu bosque é minha casa e por ela vou passando. Os animais assistem e acompanham a dança que os convida a participar. Danço o lavar do corpo, danço a pintura do corpo, danço o desmascaramento da alma e revelo o susto, rasgo a venda e mostro o grito, fôlego preso e danço, e danço no espaço das encantarias cênicas. Nesse lugar chamado residência ateliê Olaria Mundial que tem 4 metros e meio de altura, 7 de comprimento e 5 de largura. São as medidas do habitat onde cabem as mirabolações artísticas. Nele tenho experienciado minhas poéticas cênicas. Para a criação da Visagenta, chamo-o de salão do isolamento. Por que esse nome? Bem, primeiro por ter feito um exercício nesse período pandêmico e escrever “isolamento social” em uma de suas paredes. Exercício que já narrei aqui. Preciso dizer que o nome “isolamento social” não “existe” mais na parede, por perceber que era literal demais e, então, cada letra transformei em quadrado.

Tenho-o como salão do isolamento, mas sinto-o como um isolamento não vazio e sim cheio de energia que move a criatividade e a imaginação. Lá dentro tem poesias querendo se espalhar e quando se mexe com elas somos atingidos por sensações, cores e movimentos. Cada pessoa que entra na Olaria torna-se oleiro, artesão de traquitanas poéticas. O espaço tem poder de nos mundiar, provocar aberturas de nossos sentidos nos desmascarando o tato, como fala Souza (2017): “A percepção háptica se dá na combinação da percepção tátil e sinestésica, e é através deste processo que nos

relacionamos com o mundo” (p. 119). A Olaria Mundiatar também é um dispositivo que vem possibilitando-me a desenvolver pesquisas. Sobre dispositivo, Souza (2017) fala que são “máquinas de fazer ver e fazer falar”.

O salão do isolamento habitou a Visagenta e permitiu a ela ver e falar comigo. Dessa nossa fundição e percebendo tudo o que me cercou, falo para essa obra assim: - Eu te olho e te sinto como uma camada de energia que tinha deixado de me visitar. Sim, você não é nova em mim, é outra, mais madura, observadora, com uma escuta mais refinada. A primeira vez que você me apareceu foi em 1999, inícios da minha caminhada no teatro, momento de muita sede de aprender esse ofício. É! Eu tinha medo nessa época também. Foi um tempo em que eu tinha delírios com pedras. Pedras grandes que me perseguiram, a ponto de eu pular em cima de minha irmã pedindo para ela que a gente saísse dali porque as pedras iam nos pegar. Elas vinham aos montes entrando pela porta. Teve vezes que eu batia com a minha cabeça nas paredes de casa porque uma delas estava dentro da minha cabeça, era muito pesada, eu não conseguia sustentar o peso e meu pescoço ficava mole. Outra vez eu acordei embaixo da cama, tinha me escondido dela. Na verdade, esses delírios vieram antes de eu ir para o teatro, mas, não sei, eles sempre vêm às minhas lembranças quando eu penso nos meus medos. Ao mesmo tempo, diante deles, sempre tem uma outra força que me faz revirá-los e revertê-los em coragem, vontade de alguma coisa que quando eu percebo está acontecendo sem ter planejado tanto.

Foi assim que aconteceu contigo em mim, Visagenta. Do medo da pandemia, você me fez dançar, você me tirou de um estado alterado negativo e me levou para um estado alterado positivo, será? Rsr. Acho que sim, porque depois disso estou eu aqui com fome de viver as coisas, de dançar, amar e criar. Teu nome, Visagenta, traz história de medo, mas percebo que ele é elo vital e invertido simboliza coragem. E é como tenho te visto em mim, trazendo a sensação de uma Vandiléia Foro da Silva querendo viver, lembrando da personagem Senhora Hora Feliz onde criei a dramaturgia desse ser que iniciava o texto assim: SARAVAIGAI!!! (palavra de vivacidade que quer dizer: - vai que dá!!!).

Minha memória furou o tempo e conectou-se com o presente, tornou um ser materializado. Ela nesse processo criativo é um intercessor importante. Deleuze e Guattari (1992) quando falam das relações entre pessoas, objetos e outras coisas que contribuem para o ato de criar, eles discorrem sobre como estes intercessores podem ser das mais diversas formas, animadas ou inanimadas. Os intercessores fornecem algo novo

para pensar, entre tantas coisas, o plano das sensações que é produzido pela arte. Sobre os intercessores e sua ligação com a criação, nos falam assim:

O essencial são os intercessores. A Criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artista ou cientista; para um cientista filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando se é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (DELEUZE, 1992, p. 156).

Ela tornou-se um outro com quem pude conversar. Fez emergir devaneios onde pude fazer um jogo entre arte e vida, pois Visagenta também é uma autobiografia. Uma escrita artística performativa em vídeo que me desnuda me fazendo reencontrar, olhar de frente para meus medos, delírios, sentidos e torná-los poéticos.

Remoendo esses sentidos, Visagenta, percebo que trazes uma energia vital que, ao te amassar com o olhar, me devolves cenas como aquela em que apareces em uma luz vermelha alaranjada que sobressaltou teu rosto e nesse momento te vi Curupira, ser encantado das lendas populares da Amazônia, com uma chama de fogo na cabeça. Então penso que tu carregas “o fogo que não queima do hermetismo ocidental, ablução (lavagem do corpo), purificação alquímica simbolizada pela Salamandra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 440). Esse fogo foi antídoto para o despertar do corpo que, ao banhar-se de ti, buscou por oxigênio capaz de manter-se em pé e quando menos se esperava soltaste o sopro e caminhei lentamente entre uma cena e outra e me mostraste tuas sutilezas. És voo que se pinta, dança, ventania e em teus movimentos gritas: “os ventos de Iansã também sou eu, Santa Bárbara é luz que me clareia”. Maria Bethânia canta e recita assim: “É vista quando há vento. E grande vaga. Ela faz um ninho no rolar da fúria e voa firme, certa feito bala. As suas asas emprestam a tempestade. Ela faz da insegurança a sua força e do risco de morrer seu alimento. Por isso me parece imagem justa para quem vive e canta no mau tempo.” (ANDRESEN, 1991, p. 19).

Nesse mau tempo em que vivemos tu também trouxeste a massa densa, a água que hoje limpa muitas mãos para se proteger do vírus Covid-19. Chevalier e Gheerbrant (2003), no Dicionário de Símbolos, dentre os muitos significados que a água tem, diferenciando-se em diversas culturas, nos dizem que “na Ásia, a água é a forma *substancial* da manifestação, a origem da vida e o elemento da regeneração corporal e

espiritual, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 15). Os autores dizem também que ela representa a “infinidade dos possíveis, contém todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 15). É interessante perceber estes significados e relacionar com as tuas ações na cena em que utilizas a água para cuidar do corpo. Capturo essas referências e percebo que trazes a maré cheia, carregada de muitas possíveis outras de ti, que preciso mergulhar mais para conhecer, porque acredito ter encontrado contigo correntezas, forças que contribuem para o processo de criação.

Até aqui, amigos, percebemos as energias que estão conectadas com esse ser Visagenta, que foi gerada em momentos de caos, mas que ao conversarmos percebo o quanto de natureza, de vida, ela traz em si. Falei dela em relação a três elementos que trazem em sua simbologia informações importantes para conhecermos e sentirmos. Sendo que para completar este ciclo é valioso falar de mais uma sustentação desse ser. A terra, senhora das mitologias, que a tem como geradora dos seres vivos deste planeta, responsável pelo ciclo da vida e “a ideia é sempre a mesma: regenerar pelo contato com as forças da terra, morrer para uma forma de vida, para renascer em uma outra forma” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 879). Sim, te vestes de barro, crias uma armadura, uma segunda pele para compor a cena. Mas em ti, do lado de dentro, sinto que morres e renasces feito célula que vive a se dividir e tornar-se outra.

Visagenta, tens em ti todos esses elementos que trazem significados leves e sutis, mas tens também o lado avesso deles, responsáveis por transformar o clima e a atmosfera como sol ardente, capaz de queimar superfícies, sejam elas de diferentes matérias. Chuva que intensamente inunda e leva em sua correnteza tudo que vê pela frente. Furacões com ventos fortes. Terremotos que causam tremores, desabamentos. És também esses avessos, que sabemos, existem e são responsáveis pela metamorfose do mundo.

A Visagenta recebeu o corpo barro e, para não quebrar, foi umedecida e banhada com água. Recebeu ar para respirar e o fogo lhe foi dado para lhe fazer vibrar.

Agora para vocês que estão lendo este texto, concordam comigo que somos tal qual a natureza, ora somos leves, ora somos tempestivos? Então! Essa força e pureza dos elementos constituem o ser Visagenta. Mas acredito que ela esteja ligada a outros campos energéticos, como o do teatro. Te falo isso porque enquanto artista, ao vestir em mim a

Visagenta, ela percorreu lugares que dispararam sensações, me fazendo escutar um outro silêncio, talvez este trabalho percorra o campo da metafísica tal qual fala Artaud (2006), de um teatro que trabalhe não com o texto para se comunicar, mas sim com gestos com a linguagem dos sentidos. O autor fala assim:

Ela consiste em tudo o que ocupa a cena, em tudo aquilo que pode se manifestar e exprimir materialmente numa cena, e que se dirige antes de mais nada aos sentidos em vez de se dirigir em primeiro lugar ao espírito, como a linguagem da palavra. (ARTAUD, 2006, p. 36-37).

Sim, percebo que a obra *Visagenta* encontra-se nesse operar através dos sentidos, pois é uma criação em que não há linguagem da palavra, de uma narrativa em que se faz presente uma construção da psicologia da personagem. É um trabalho em que as ações, movimentos, gestos estão presentes, mas sem a primazia de contar uma história com início, meio, fim, conflitos... acredito que ela esteja nesse campo das sensações.

Adentro esta reflexão por entender que antes de fazer uma análise sobre esses trabalhos em vídeo, eu preciso falar do que me atravessa, dos caminhos percorridos nas artes cênicas que me dão meios para criar gestos e movimento a fim de construir imagens que comuniquem-se através das sensações, por isso nesse jogo de superar minhas fragilidades diante do desabamento do mundo, fui fazer teatro sim, por mais que olhem e digam que não é teatro porque é vídeo, te digo que é teatro a partir das forças e energias que estão nesse ser chamado Visagenta e que vem de estudos das artes cênicas. Então vou chamar de vídeo arte criado a partir das artes da encenação, da performance, em que sua linguagem está no campo da metafísica. Uma comunicação sensível.

Uma obra avessa do mundo. Sim, é como a vejo, no espaço e tempo diferente das objetividades e linearidades das ações no mundo. O contexto do momento em relação à pandemia os liga, eles fazem parte do mesmo fluxo do mundo, entretanto, Visagenta faz parte da linha de fuga que foge do roteiro desse mundo objetivo e linear. Souza, a partir das análises de Gilles Deleuze (1971), nos fala assim:

[...] que os fluxos são acontecimentos no corpo da sociedade definidos como uma torrente que se desloca entre polos perpetuamente codificados. Mas há as linhas de fuga, fluxos que escapam aos códigos. São eles que desterritorializam uma sociedade [...] (SOUZA, 2017, p. 37).

Acredito que a arte tem múltiplas linhas de fuga e a obra *Visagenta* faz parte dessas linhas que fogem dos códigos e em sua fuga propõe aberturas, possibilitando refletir sobre como agir e fugir nos momentos de pânico e de isolamento diante do mundo doente,

“paralisado” por exemplo. O que vocês pensam? Sobre linhas de fuga e fluxo reflito a partir da fala de Deleuze, serem ações, operações que fogem ao que está estabelecido.

Deleuze fala assim: “Não se trata de cada um fugir “pessoalmente”, mas de fazer fugir, como quando se arrebenta um cano ou um abscesso. Fazer passar fluxo, sob os códigos sociais que os querem canalizar, barrar” (DELEUZE, 1992, p. 30).

Na contramão do isolamento, liberto este trabalho em formato de vídeo e lanço-o nas redes sociais. Um outro jeito de apresentar uma obra criada com ferramentas do teatro e amparada pelo audiovisual a fim de se fazer presente nestes tempos em que a comunicação está fortemente ligada aos meios on-line. Sei que esse contato entre arte e ciberespaço não é de agora, mas na pandemia percebo 100% de sua força e o quanto de produções artísticas vêm se relacionando a ele.

REFERÊNCIAS CITADAS

ANDRESEN, Sophia de Melo Breyner. Procelária. *In*: ANDRESEN, Sophia de Melo Breyner. **Obra Poética III**. Lisboa: Caminho, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

BETHÂNIA, Maria – A Dona do Raio e do Vento (Ao Vivo) – **Carta de Amor**. 11 dez. 2013. 1 vídeo (2 min. 49 seg.). Publicado pelo canal Biscoito Fino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wR05zNR5GCc>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

OHNO, Kazuo. **Treino e(m) poema**. São Paulo: n-1edições, 2016.

SOUZA, Iara Regina da Silva. **Os Sonhadores das Sombras**: Uma cartografia poética das micropolíticas de resistência da dramaturgia da luz opus lux. Tese (Doutorado em Estudos Culturais) – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2017.

VISAGENTO. *In*: **Dicio** – Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/visagento/>. Acesso em: 20 jan. 2021.